

Música
22 Maio 2010

Ana Mafalda Castro

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Cravo

Ana Mafalda Castro

Programa

Karlheinz Stockhausen (1928-2007)

Wasserman (Aquarius)

Girolamo Frescobaldi (1583-1643)

Toccata Seconda

António Pinho Vargas (1951)

Il ritorno

1. Prelúdio 2. Fantasia obsessiva
3. Interlúdio 4. ...ritorno della ossessione...

(pequeno silêncio)

Jean-Henry D'Anglebert (1635-1691)

Prélude non mesuré

Armand-Louis Couperin (1727-1789)

Allemande

Panrace Royer (1705-1755)

Vertigo

Sáb 22 de Maio

18h00 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12

Francesco Geminiani (1687-1762)

Amoureusement

Antoine Forqueray (1671-1745)

La Portugaise

François Couperin (1668-1733)

L'artiste

Jean-Philippe Rameau (1683-1764)

La triomphante

Claude Balbastre (1724/1799)

La Lugeac

Jacques Duphly (1715-1789)

Chaconne

Georg Friedrich Haendel (1685-1759)

Adagio

(pequeno silêncio)

György Ligeti (1923-2006)

Continuum

(Grande Silêncio...)

O convite da Culturgest veio acompanhado do pedido de inserir obras do século XX, especialmente, a obra *Il ritorno* de António Pinho Vargas.

Construir um programa que incluísse música de vários séculos tornou-se imediatamente o objectivo a atingir: um programa diferente dos que habitualmente são apresentados.

Já o tinha feito aquando da estreia daquela obra em Mafra em 2002. Esse recital foi, por todas as razões, muito intenso emocionalmente. A forma desse concerto tinha já sido, para mim, uma curva perfeita. Por isso, construir outro com o mesmo ponto de partida não ia ser fácil.

Construí um programa como uma forma musical onde acrescento os silêncios que passam a fazer parte dessa forma.

Mantive duas obras do programa de Mafra: *Continuum* de Ligeti que seria a última peça a interpretar; depois desta obra, tocar seja o que for é quase impossível. O silêncio final é demasiado intenso... *Il ritorno*, só poderia ser perto do início. É uma obra com um olhar criativo sobre o cravo e sua história e, ao mesmo tempo, lança-nos para a frente, para outros mundos. Como fazer? Uma mistura de séculos, de obras, e de compositores.

Acabei por escolher um programa de grande exigência: várias obras tecnicamente difíceis e vários contrastes exigindo uma preparação física e mental intensa.

O desafio foi, portanto, o puro prazer da construção de uma forma pessoal, a do intérprete. O intérprete que não é só o veículo para a obra acontecer, mas também aquele que constrói o todo.

Aquele que na sua solidão pensou o programa, escolheu as obras, a ordem, as implicações práticas tais como os instrumentos a usar ou o local do concerto. Escolhi algumas partituras fechadas há muito tempo, outras foram abertas pela primeira vez. A forma foi sendo construída deste modo.

Neste concerto utilizo dois cravos e um virginal. As diferentes épocas e estilos requerem cravos com afinações (temperamentos) diferentes: um cravo de concerto Franco-Flamengo (Marc Ducornet 1992) de 5 oitavas para o repertório dos séculos XX e XXI que afinarei com temperamento igual, aquele que é actualmente mais utilizado por todas as orquestras modernas; um cravo Flamengo, cópia de um Ruckers (Jan van Schevikhoven 1985) de 4 oitavas e meia que afinarei com o temperamento Werckmeister III para a grande suite de peças e, por último, um virginal que afinarei em temperamento mesotónico para a obra de Frescobaldi. Neste temperamento alguns intervalos de 3ª são puros criando uma sensação sonora particular, característica da época. Um concerto é efémero e na minha vida de intérprete já realizei muitos, alguns muito importantes, talvez muito bons, outros nem tanto, mas esse aspecto é quase indiferente. Não é isso que nos move a continuar.

A vida de um intérprete é como uma *chaconne*. Os concertos repetem-se....

Ana Mafalda Castro

Maio 2010

Ana Mafalda Castro

cravo

Ana Mafalda Castro, professora e coordenadora do Curso de Música Antiga na ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto), professora de cravo na ESML (Escola Superior de Música de Lisboa) e membro da direcção e professora na AMAL (Academia de Música Antiga de Lisboa), nasceu no Porto onde completou os seus estudos de piano. Entre 1983 e 1990, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Secretaria de Estado da Cultura, estudou cravo na Holanda com os professores Glen Wilson, Jacques Ogg e Bob Van Asperen, participando em cursos de aperfeiçoamento com os cravistas Ketil Haugsand, Robert Wooley e Annelie de Mann.

Ana Mafalda Castro mantém uma intensa actividade artística quer a solo quer como acompanhadora tendo tocado, entre outros, com Anner Bylisma, Andrew Manze, Marie Leonhardt e Ketil Haugsand nos mais importantes Festivais do país, em Espanha, França, Irlanda, Suécia, Bulgária, Macau e México.

Fundou e dirige a Orquestra de Música Antiga da ESMAE e em 2005 dirigiu a OSP (Orquestra Sinfónica Portuguesa) num concerto onde foi também solista.

Colaboradora regular das Orquestras Portuguesas, participou, entre outras, nas óperas *Rinaldo* de Haendel, *Orfeu* de Gluck (Teatro de S. Carlos) *Venus e Adonis* de John Blow, *O Boticário* de Haydn e *Amor Industrial* de Sousa Carvalho (estas últimas projectos do

Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto), como cravista e correpetidora.

Integrada no projecto “Itinerâncias” do IPAE “8 Instrumentos, 8 Músicas”, tocou em várias cidades do País tanto a solo como em conjuntos de câmara, destacando-se o Grupo de Música Antiga Foral do qual faz parte e é co-fundadora.

Em Outubro de 2002 estreou *Il ritorno*, obra composta para si por António Pinho Vargas, uma encomenda do VI Festival Internacional de Música de Mafra, tendo sido muito bem aceite pela crítica.

Em 2003 participou na Folles Journées em Nantes e na Musica-Musika em Bilbao num programa a solo e na Festa da Música em Lisboa, em várias formações, destacando-se os concertos com o pianista Pedro Burmester.

Fundou e dirige o grupo *Udite Amanti*, especialmente dedicado a reportório de mulheres compositoras, que logo na sua estreia no VII Festival Internacional de Mafra foi muito bem acolhido pela crítica.

Em 2005, Ana Mafalda Castro tocou no Festival Internacional de Música Antiga de San Luis Potosi no México, na Casa da Música/Porto e no CCB. Em 2006 mais uma vez participou nas Folles Journées de Nantes tendo o seu recital sido transmitido pela RTF, na Musica-Musika em Bilbao e na Festa da Música, com um programa totalmente preenchido com Sonatas de Carlos Seixas.

Juntamente com os músicos Amandine Beyer, Baldomero Barciela e Pedro Sousa e Silva fundou a Orquestra Barroca Norte do Sul.

Gravou a solo, *Música portuguesa para tecla dos séculos XVI e XVII* (EMI-Classics, 1996, com o apoio da

Comissão dos Descobrimentos) com a violoncelista Irene Lima e o contrabaixista Manuel Póvoa (Numérica, 1997) e com os Segréis de Lisboa *Música para o Teatro de Gil Vicente* (Portugaler, 2003), que mereceram excelente acolhimento da crítica. Fez ainda várias gravações para a Rádio e Televisão, destacando-se a sua participação em Estocolmo na homenagem a José Saramago quando da entrega do Prémio Nobel da Literatura em 1998.

Una obra útil

Uma peça útil

Um espectáculo

de Gerardo Naumann

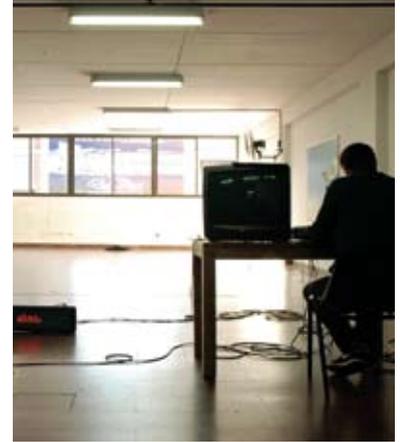
Integrado no alkantara festival 2010

Teatro De Sáb 22 a Ter 25 Maio

19h00 · Duração: 1h15 · M12

Ginásio da Junta de Freguesia de Santos-o-Velho (Rua da Esperança 49, transversal da Av. D. Carlos I)

Autocarros: 60, 706, 727



Às vezes não dizemos: “Vamos encontrar-nos”; dizemos: “Vamos tomar um copo.” Um texto representa outro texto. Esta peça é uma desculpa, uma representação. Serve-me para pensar um filme através da peça. O filme chama-se *Uruguai* e é sobre um diário íntimo que comprei por acaso a um *cartonero* em Janeiro de 2006. Foi escrito por uma rapariga uruguaia chamada Karina. Veio trabalhar para a Argentina como empregada doméstica, atrás de uma história de amor. Numa parte escreve: Tu és o Luis e eu não sou ninguém.” Qual é o limite da intimidade?

Em cena há dois actores e eu próprio para experimentarmos partes do filme. E como no cinema também há figurantes. Os figurantes representam ou fazem o trabalho de figurantes? E que fazem enquanto esperam para passar lá atrás

numa cena? Dormem? Fazem palavras cruzadas? Escrevem um diário? Esperar também é trabalho?

Como a câmara no cinema que filma vários espaços, a peça move-se. Hoje representa-se num teatro, amanhã num campo de futebol de cinco, depois de amanhã num corredor da Faculdade. No cinema a cenografia é real?

Esta peça é a intimidade de um processo, é a encenação do meu caderno de notas para um filme. O teatro pode ser útil? Ou melhor: o teatro não deveria ser útil? E porque é que ainda assim a peça parece não servir para nada?

Gerardo Naumann

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
